

ASPECTOS DO CRISTO

Annie Besant

Dezembro de 1912, The Theosophist Office, Adyar, Madras, Índia

Escolhi para nossa consideração esta noite um tema que parece — me ser de profundo interesse, e também; de grande importância prática. Pois nenhum tema no mundo ocidental toca mais intimamente os corações dos homens do que o tema do Cristo. Em torno deste nome são associadas todas as memórias sagradas, todas as mais altas aspirações, o ideal de uma humanidade perfeita, a manifestação do próprio Deus. Por outro lado há muitas questões intelectuais relacionadas com isto, e é; impossível escapar destas questões no mundo das discussões históricas modernas sobre a data em que Ele viveu; discussões críticas sobre a autenticidade dos registros em que Sua vida se inscreve; contrové;rsias dogmáticas sobre Sua natureza, seja Ele Deus e homem, Deus ou homem, ou somente homem; se Seu lugar de direito é; o de um grande Instrutor ou de um supremo Objeto de culto; como Ele viveu e como morreu; todas estas são questões que surgem em torno de Seu nome; são questões que o intelecto deve resolver.

Mas quando você entra na atmosfera do intelecto, você inevitavelmente entra numa que é; e deve ser crítica, calma, equilibrada, mais ou menos fria. Enquanto que de outro lado estão envolvidas as mais profundas, as mais apaixonadas emoções da natureza humana — emoções de reverência a Deus, emoções de admiração apaixonada pelo homem, emoções de aspiração para a vida espiritual, aspirações para o mais santo e o mais profundo. E daí descobrimos que à volta das discussões intelectuais se insurgiram as ondas dos sentimentos emocionais, para prejuízo de ambos. Em toda parte em que as emoções penetram, o intelecto se torna tendencioso e não pode julgar direito. Onde interessa ao intelecto as emoções são um perigo, e não um auxílio. Mas por outro lado as emoções envolvidas sendo aquelas que são as mais inspiradoras, as mais elevadoras, as mais espiritualizantes, é; necessário que tenham seu lugar, que possam ter plena liberdade de expressão, que sejam dirigidas ao Objeto de culto, que possam purificar o coração assim como inspirar a vida. Não podemos fazer nada sem o intelecto ou sem as emoções. Ambos têm seu lugar, ambos têm seu valor; mas a fim de que cada um possa ter seu valor pleno, devem ter seus lugares corretos reservados a eles neste grande campo do pensamento religioso. Ao intelecto deve ser dada plena e livre ação, às emoções, sua imperturbada expansão. E só o poderemos efetivamente fazer, imagino, se olharmos todo o assunto sob aquela luz da Divina Sabedoria que inclui o intelecto e as emoções, mas que também; reconhece o lugar e a supremacia do Espírito. E se puder, quero esta noite ajudá — los a ter uma visão que me parece — se ela lhes interessar, e se vocês a estudarem — pode ajudá — los a entender, como deveriam entendê — lo pelo intelecto, mas é; capaz de preservar, ou melhor, tornar intocável e inabalável, aquele Cristo do coração humano a Quem o Espírito se alça em seus momentos de maior percepção, muito longe de todos os ventos da contrové;rsia, de todas as tempestades da discussão, naquele ar puro e sem nuvens do próprio céu;u, onde a intuição vê e a razão silencia, onde o Espírito fala e as vozes menores emudecem.

Tomemos primeiro a visão intelectual e analisemos isto, a própria vida, historicamente, e então, do ponto de vista ainda intelectual da religião comparada. Vejamos então o lado dogmático, em torno do qual tanta contrové;rsia tem rugido e ainda pode rugir. Então vejamos como o Cristo aparece como o Ideal da alma, e como Ele se eleva acima de

todas as controvérsias da história e da doutrina naquela forma poderosa e que tudo atrai, que tem sido chamada o “Logos da alma”. Se assim porventura pudermos estudar alguns dos muitos aspectos poderemos ser capazes de manter incólume a inspiração do ideal, e poderemos caminhar calmamente, inteligentemente, em estudo cuidadoso e acurado, por entre todas as dificuldades intelectuais que têm cercado o assunto no passado, e que inevitavelmente ainda o cercam hoje. E deixem—me dizer, antes que iniciemos esta parte intelectual de nosso estudo, que se houver algum assunto mais do que qualquer outro passível de unir e não de dividir, é; o do pensamento sobre o Senhor do Amor, sobre Aquele que será o Buda do Amor, assim como o Senhor Gautama foi o Buda da Sabedoria. Em torno daquele nome sagrado têm — se encarnizado longamente as batalhas das igrejas. O nome que deveria unir de acordo com a prece “que todos possam ser um, como Eu, Pai, sou contigo, e que eles também possam ser um conosco”, esta prece que caiu, como se diz, despercebida sobre a Terra, e não despertou nenhuma resposta, não encontrou nenhuma acolhida; pois os Cristãos têm disputado sobre Cristo com mais acrimônia do que talvez sobre qualquer outra coisa. E quão triste de fato, e terrível, seria se nós, que pregamos a fraternidade das religiões, copiássemos aquele pior lado que faz do assunto mais santo um motivo de controvérsias, e suscita a tormenta das paixões humanas dentro do que deveria ser o Santo dos Santos do Santuário.

Para evitar isto olhemos para o lado intelectual tranqüila e calmamente como convém a estudantes. Primeiramente, o histórico. Sobre isto o Ocultismo fala clara e nitidamente, como aprendemos dos Mestres da Loja Branca, pelo mensageiro que Eles nos mandaram, Helena P. Blavatsky, e confirmado pelos estudos de obreiros posteriores. E esta visão é; corroborada por muitas coisas na história do passado e por um ou dois ensinamentos que são dignos de consideração no registro do próprio Novo Testamento. É a história de um jovem Hebreu, nascido cerca de um século antes de nossa era Cristã, treinado em parte no Egito, em parte nos mosteiros dos Essênios, chegando em torno da idade de trinta anos a ser um instrutor entre seu povo, reconhecido por eles como aquele que conheceram em sua juventude. Sobre ele desceu o Espírito do Santíssimo e, descendo, nele habitou, e aquele momento da descida foi o da vinda de Cristo para ocupar o corpo escolhido para Sua estada na Terra. Depois, uma breve vida de três anos entre os homens, uma vida de mais completa beneficência, uma vida de muitas curas milagrosas assim como de notáveis ensinamentos. A reunião à Sua volta de uns poucos a quem Ele ensinou as doutrinas mais profundas, algumas das quais eles mais tarde disseminariam: “A vós é; dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros falo em parábolas”. Algumas vezes o amor entusiástico da multidão, às vezes o ódio passional, atentando contra a vida; finalmente na cidade de Jerusalém, no recinto do próprio Templo, um tumulto irrompendo, um terrível apedrejamento, a volta de Cristo para Seu próprio lugar, o assassinio do corpo em que vivera, a tomada do corpo, o penduramento em uma árvore para escárnio por parte daqueles que O haviam morto. Esta é; a antiga história, a história dos registros do passado, confirmada pelas tradições que foram transmitidas pelo povo Hebreu, que nos fala de seu jovem Instrutor nos dias da Rainha Salomé; que ensinou e pregou, que foi morto e pendurado em uma árvore. E isto é; confirmado por aquelas palavras pronunciadas por São Pedro, registradas nos Atos dos Apóstolos, quando, censurando os Hebreus de sua época, falou do “Jesus a quem mataram e penduraram numa árvore”. Então, ainda seguindo o registro, como o Cristo por mais de quarenta anos continuou a vir aos Seus discípulos, ensinando, guiando, instruindo, inspirando — os para o grande trabalho que devia ser feito; como gradualmente eles se dispersaram entre as nações, reunindo discípulos e levando a obra adiante; até; que nos últimos dias foi ganho aquele grande recruta para quem o próprio Cristo apareceu incumbindo — o de sua grande missão, ele que deixou as fundações da Igreja como Igreja, o grande Apóstolo Paulo, que declarou que não reconhecia nada entre eles exceto Jesus Cristo Crucificado. E então a expansão como é; conhecida por vocês, a

disseminação das doutrinas do grande Instrutor; e lado a lado com as pregações externas, os Mistérios de Jesus. Os ensinamentos nestes, como eu disse, foram iniciados pelo próprio Cristo e continuados por quarenta anos ou mais. Quarenta anos é; o tempo indicado por um dos grandes Bispos da Igreja primitiva. Somos inclinados a acreditar num tempo um pouco mais longo, mas a data não foi averiguada com precisão. Então o nascimento de Apolônio de Tíana, que algumas vezes foi chamado de o Cristo Pagão, o discípulo Jesus renascido no ano 1 da era Cristã, continuando o trabalho, viajando longamente por toda parte, Mensageiro da grande Loja Branca, criando em vários lugares da Europa centros de força oculta para serem utilizados muito, muito depois, quando de novo um grande Instrutor aparecer, abandonando o corpo e assumindo o trabalho dos Mistérios de Jesus, se tornando o grande Instrutor dos Mistérios, instruindo, guiando e ajudando durante os séculos seguintes. Um escritor dentre os primeiros Padres daqueles Mistérios, um grande Bispo que sofreu o martírio, nos diz como ele foi instruído nos Mistérios, e como os anjos vinham para ensinar; ele nos dá algumas coisas que eram ensinadas, a grande hierarquia graduada de anjos, e os mistérios do mundo celeste. E então outros falam dos mesmos Mistérios. São Clemente de Alexandria nos conta muito, nos diz que o que ele diz não será logo entendido por todos, mas que entenderão, diz, aqueles que foram tocados pelo tirso — o bastão da Iniciação, o bastão coroado pela pinha, com o qual todo candidato aos Mistérios era tocado, pelo que o fogo sagrado era libertado, para que os olhos fossem abertos e os segredos do mundo invisível revelados. Aqueles que foram assim tocados, diz São Clemente, entenderão as alusões que ele faz. E muito mais é; dito por Orígenes — ele não tem o prefixo de Santo, embora o mereça, porque em alguns pontos sua doutrina era liberal demais para o partido que se tornou dominante na Igreja. Ele nos conta muito sobre os ensinamentos, como eles eram dados pelo próprio Cristo, como eram dados em segredo em casa depois de a multidão ter — se ido, aos Seus discípulos na casa, para citar as palavras do Evangelho. Como estes ensinamentos eram transmitidos de um para outro, jamais por escrito, mas sempre “da boca ao ouvido”, como diz a frase, e falados somente aos que eram “perfeitos”. O termo “perfeito” era usado para designar o Iniciado (alguns de vocês lembrarão que é; usado na Maçonaria moderna, a tradição ainda vive). Também; m lemos em Orígenes algumas fórmulas usadas, e aprendemos dele que os que eram iniciados eram os Gnósticos, os sabedores. Eles *sabiam*, e não apenas acreditavam. E ele diz que nenhuma Igreja poderia perdurar a menos que tivesse os Gnósticos como seus pilares. Era verdade que a Igreja tinha remédio para o pecador, mas também; m tinha conhecimento para o sábio, e somente “aqueles que sabiam” poderiam manter a Igreja a salvo de ataques, e suas doutrinas salvas da degradação. Leiam, quando puderem, sua maravilhosa descrição do Gnóstico e sua vida. Então vocês perceberão algo do poder da Igreja primitiva onde tais Gnósticos eram os Instrutores, e onde ninguém; m poderia passar aos graus mais altos do sacerdócio a menos que tivesse passado pelos Mistérios e tivesse aprendido em presença de outros os segredos da fé; confinados ao círculo dos perfeitos. E assim encontramos, olhando para isso do ponto de vista histórico, uma sucessão de estágios de ensino. O próprio Cristo no corpo do discípulo, podendo permanecer apenas por pouco tempo e depois morto; o discípulo renascido para continuar o trabalho; e, até; seu renascimento, o próprio grande Mestre o Instrutor no círculo sagrado de Seus Iniciados. Então as viagens por toda parte do grande Mensageiro, a criação de centros ocultos, a preparação para um futuro ainda longínquo, mas que já consideramos como um futuro próximo. Pois estes centros secretos, existindo na Europa, são os centros de onde a luz se espalhará, os centros onde os Mestres estarão, onde os discípulos serão reunidos, e de onde o ensino será irradiado.

Vendo assim, chegamos ao tempo em que nos Mistérios ainda era dado o ensino que fez os Gnósticos da Igreja primitiva. Então uma grande mudança ocorreu na Cristandade. O Cristianismo e o Estado se abraçam, querendo o Estado usar a religião a fim de obter

maior poder para si mesmo, e fazendo, por assim dizer, um pacto com a Igreja. E então o gradual desaparecimento dos Mistérios, lentamente, através dos séculos; a gradual retração por falta de discípulos, e a transmissão da memória dos Mistérios para pequenos grupos dispersos de pessoas que, sob várias denominações, levaram adiante os estudos científicos que tinham sido parte do aprendizado dos Mistérios; aqui e ali publicando sob nomes misteriosos alguns dos resultados de seus labores, publicando aquelas coisas estranhas chamadas rosários, o sinal secreto “sob o signo da rosa”, dando mistérios alquímicos e médicos, tentando não falar alta e claramente, por causa do perigo.

E assim gradualmente o conhecimento oculto velou — se mais e mais profundamente, pois o sangue de Cristo não recai somente sobre os que o derramaram, mas sobre todo o povo a que pertenciam. Recaiu como uma sombra sobre toda a Cristandade, escondendo os Mistérios; tornando invisível o lado oculto da verdade. Pois a mente perseguidora despertou, e a prisão estava reservada para aqueles que conheciam as coisas ocultas do Espírito, e os lábios foram silenciados e as línguas tornadas mudas, e o conhecimento exterior foi erigido em dogma, e o conhecimento oculto foi proscrito como Gnosticismo e heresia. Jamais morreu. Foi transmitido de grupo a grupo; a tocha da Sabedoria jamais foi completamente apagada, mas ninguém se arriscava a falar abertamente. E assim chegamos aos nossos dias onde o véu ainda está lançado sobre os Mistérios — um véu agora gradualmente a ser levantado, por que uma vez mais se ouvem os pés do Cristo chegando, e o mundo deve estar preparado para a chegada, o pensamento dos Mistérios uma vez mais deve ser uma realidade. E como nos últimos trinta anos as doutrinas que conduzem ao conhecimento têm sido espalhadas amplamente, então gradualmente o resultado destas doutrinas deve ser tornado familiar às mentes dos homens — os grandes fatos da Iniciação, não só em livros como palavras, mas na vida; o fato de que a Iniciação é; tão possível agora como o foi no distante passado, que homens e mulheres passam pelos portais agora assim como passaram por eles há muito tempo atrás. E nos próximos anos vocês verão que gradualmente mais e mais será falado, mais e mais será declarado, a fim de que alguns dos dardos do ceticismo possam quebrar contra nossos peitos e ser anulados, antes que Ele, o Mestre dos Mestres, possa vir para enfrentar a descrença do mundo. E assim gradualmente vocês verão que falaremos mais e mais sobre estas coisas, e falaremos mais e mais abertamente. Que o mundo zombe como já zombou antes. Os fatos não mudam por causa da zombaria. Muito melhor que zombem dos servos do que do Mestre. Muito melhor que ridicularizem e escarneçam dos discípulos do que de seu Senhor.

Assim revisamos o lado histórico. Devem estudá — lo, até; onde puderem. Meditem sobre ele, debatam — no, e não misturem seus sentimentos com esta parte do estudo.

Agora passamos ao lado crítico, o lado das doutrinas. Aqui vocês deveriam tentar obter algum conhecimento, pois este conhecimento é; de valia. Como as experiências foram escritas, quem as escreveu; por que elas não foram escritas todas como o evangelho *de* fulano de tal mas como o evangelho *segundo* fulano de tal, apontando a existência de diferentes escolas de tradição na Igreja primitiva. Havia uma escola de tradição que levava o nome de Mateus, outras os de Marcos, Lucas e João, cada escritor transmitindo a tradição de acordo com uma escola, denominada a partir de seu líder, à moda oriental. Imagino que todos agora admitem praticamente que o Quarto Evangelho — aquele segundo São João — pertence à grande escola Neo — Platônica e Alexandrita, que ele é; menos um registro de uma vida do que o registro de um coração e uma mente. Este Evangelho é; muito diferente dos outros, em tom, e é; bastante inconciliável com eles a respeito do perfil dos fatos, mas é; prenhe das mais profundas lições, cheio do pensamento mais inspirado. E assim como este Evangelho Neo — Platônico e Alexandrita é; dito ser “segundo São João”, porque nele está mais da mente e do coração do Cristo

do que em qualquer outro dos outros apóstolos, assim os outros são marcados com suas origens, e nos dão as variadas tradições que chegaram a nós, a história daquela vida prodigiosa. Aprendam algo de seu valor como documentos históricos. Como estudantes, deveriam saber algo deles. E podem estudá — los calmamente, indiferentes a muitas questões que possam suscitar, porque eles não tocam o Cristo real mas somente a autenticidade dos documentos particulares. A prova do Cristo não está nos escritos, mas em Sua Igreja, e na devoção dos sempre crescentes milhões de corações humanos, geração após geração, em torno de Seus pés. Leiam toda a crítica sem medo; ela não pode tocar nada que tenha valor.

Então chegamos a uma espécie de crítica que não critica tanto os diferentes documentos, embora cresça a partir deles, como desafios a toda a concepção deste Cristo histórico. Este tipo, eu penso, está ficando mais fraco agora, em seu conjunto, do que era há cerca de trinta anos, quando ainda era forte, quando a *Vida* de Strauss apareceu, quando a idéia do Mito Solar dominava, enormemente reforçada por muitas das pesquisas sobre arqueologia e antigüidades, pela descoberta de histórias similares em torno das vidas de muitos Salvadores, de símbolos idênticos — como o símbolo da cruz, descoberto em toda a parte no mundo antigo, mas raramente nas catacumbas onde os Cristãos eram enterrados, onde era menos freqüente como um símbolo do que outros que depois saíram de vista. O crucifixo, vocês hão de lembrar, não aparece senão no século sexto depois de Cristo. Mas a cruz existia no mundo milhares de anos antes do nascimento do Senhor Maitreya como o Cristo. Sobre o real significado da cruz, contudo, eu teria uma ou duas palavras a dizer logo a seguir. Vocês têm assim diante de si a idéia de que toda a chamada história de Cristo procede das histórias do Mito Solar. Uma idéia errônea, mas profundamente interessante, porque, enquanto a história do homem não nasceu da história do Mito Solar, muito do Mito Solar agregou—se em torno da história do homem e revestiu — a com roupagens que em Sua própria vida física Ele não usou. E aqui reside o interesse. Grande parte da história de Cristo — do Cristo às vezes chamado Cristo Cósmico ou Segundo LOGOS — pertence à grande religião do Sol.

Todos vocês sabem que o mito é; muito mais importante que a história. História é; o registro — eu ia dizer dos fatos, mas muitas vezes sem nada a ver com fatos — e é; tudo. É um fato, sabe — se, é; uma pobre coisinha quando vamos observá — lo. É somente o quarto ou quinto reflexo das grandes verdades no mundo das Idéias. Quando uma grande Idéia está nos céus, é; lançada para baixo dentro de matéria mais e mais densa, e cada esfera mais densa elimina um aspecto da Idéia, e quando se tem a maioria dos aspectos eliminados e a Idéia chega ao físico, chamamos um fragmento de um fato. Isto é; o que os fatos são. E os consideramos tanto! Mas o mito é; a expressão da Idéia como ela existe no mundo celeste, e assim sempre é; verdadeiro. Ele nos chega aqui embaixo então em forma de imagem, e a imagem contém muito mais do que a palavra, o dogma. A imagem de uma coisa nos diz muito mais do que umas poucas palavras que a descrevem. Coloque um pensamento em música, e ela fala mais de sua beleza do que se você o descrevesse. Pinte — o numa tela, esculpa — o em mármore, e mais transpira da Idéia do que a mera descrição. Do mesmo modo com o mito. O grande mito é; a verdade de que o Segundo LOGOS, derramando Sua vida no mundo — Ele cujo corpo é; o Sol — envia esta luz e vida para o mundo, sustentando, mantendo e vivificando. O culto do Sol dos antigos tempos não era somente uma coleção de histórias; era a verdadeira vida do Sol, do Deus no Sol, derramada sobre os adorantes na Terra. É a mais antiga e grandiosa de todas as religiões, a religião até; mesmo de nossos longínquos ancestrais na Atlântida; ainda mais bela era na grande Cidade da Ponte, a herança da raça Ária, como foi transmitida por Vyasa. E aquela religião ensinava como a vida de Deus interpenetra Seu mundo, de modo que cada fragmento do mundo é; vitalizado pela Vida Divina. Como ele vive através d'Ele, move—se n'Ele, existe n'Ele, e se Ele cessasse de

pensá — lo, desapareceria como uma sombra de um sonho.

E então os Ancestrais ensinaram ao povo como o Sol, como um símbolo, passava através dos estágios, ano após ano, que balizavam a vida humana ideal. Nascido na fraqueza da infância, crescendo na força da maturidade, dando vida para o benefício da humanidade, subindo aos céus para derramar bênçãos sobre a Terra — chamaram — na história do Deus — Sol. E encontramos isso em todas as nações; encontramos isso delineado completa ou parcialmente nas grandes escrituras do mundo. E muito desta grande história fixou — se em torno da imagem do Cristo à medida que os traços humanos se desvaneceram e o divino brilhou a partir de dentro, até que a adoração e amor de Seus seguidores já não podiam distinguir entre a glória Divindade e a glória da humanidade através da qual brilhou, e chamaram — n' O Deus, a Quem verdadeiramente é; Deus manifesto na carne, não separado de nós, mas o “primogênito entre muitos irmãos”. Pois em cada um de nós vive a mesma Divindade, em nós em botão, n' Ele esplendidamente desabrochada.

Assim tudo isso é; *verdadeiro*. E desejo fazê — los ver como intelectualmente verdadeiro, de modo que não tenham dificuldade quando ouvirem falar d'Ele como o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, o Cristo Cósmico, a Vida do Mundo. Lá está esta Vida, e esta Vida está encarnada em cada Filho do Homem. Não tenham medo, pois, quando se enfatizar este aspecto, pois ele inspira os homens ao esforço. E assim como a luz do Sol aquece o corpo físico, a luz daquele Sol divino aquece o coração humano.

Mas então se encontra uma visão transformada em ataque, onde deveria ser instrumento de explicação e aumento de glória. E então se encontra a primeira explicação da Cruz. Platão falou do VERBO, do LOGOS, como estando inscrito no universo como uma Cruz. Mas pense um momento no que é; esta Cruz. Do ponto de vista Platônico o universo era uma esfera, e uma cruz inscrita nele seria uma cruz de braços iguais, algumas vezes chamada de Cruz Grega. E a manifestação do Espírito descendo na matéria, crucificado na matéria, é; a Cruz, a Cruz de braços iguais, a Cruz do Espírito, primeiro assinalada na matéria, depois submersa nela, e então dela triunfante.

Disseminando—se este pensamento, o Deus — Sol e a Cruz se identificaram. E a vida do Espírito derramada no mundo tinha como símbolo esta Cruz de braços iguais. Então, mais adiante, isso foi representado nos Mistérios. E já que tinha de ser apresentada pictorialmente nos Mistérios, depois de ter sido perdido, por ignorância, o poder de suscitar formas viventes [segundo relatos, os Hierofantes do Mistérios, antes de estes se degradarem, tinham o poder de evocar as formas vivas de deuses e heróis para ilustração e comprovação dos ensinamentos dados aos neófitos — NT], os Mistérios de tornaram um drama que tinha de ser representado, e então o Deus—Sol já não aparecia triunfante na esfera do espaço, mas estendido sobre a cruz de matéria, crucificado na matéria, e já não temos a Cruz de braços iguais, mas a Cruz Latina, com um dos braços alongado para que o corpo do homem crucificado pudesse ser representado nela. E assim o ensino místico se desenvolveu, tudo ainda girando em torno da esplêndida figura do Cristo. E além deste ensinamento místico, o ensinamento dos Mistérios, nos quais o corpo era crucificado para que o Espírito pudesse triunfar, o eu inferior sacrificado ao superior para que o superior pudesse reinar triunfante sobre a matéria que assim era remida — por causa disto, esta dupla cruz chegou do passado longínquo para a Cristandade, a Cruz da Paixão e a Cruz do Espírito triunfante.

E isto é; mito, no sentido mais veraz, a grande verdade espiritual, mais elevada que todos os fatos, e representada maciçamente na história do Espírito humano. E Cristo crucificado é; aquele ideal magnífico no qual o homem surge triunfante, tendo crucificado o eu inferior na cruz da matéria; o corpo é; morto e enterrado, e então o Cristo surge triunfante do sepulcro, portanto seu estandarte: a Cruz de braços iguais do Espírito que triunfou, que

fez da matéria a serva do Espírito, e que redimiu o corpo ao sujeito — lo ao Espírito — este estupendo, sempre verdadeiro mito de Cristo, a ser revivido por vocês e por mim, se pudermos chegar à situação do Espírito triunfante.

E então, estudando, aprendemos a entender, e percebemos, como geralmente é; o caso, que há uma verdade encarnada em cada concepção, e que o o que nos falta é; o poder de unir as verdades juntas e vê — las em seu todo, em sua perfeição integral, em vez de em seus aspectos fragmentários. E assim aprendemos que a narrativa histórica do homem Jesus Cristo é; verdadeira, e que este Poderoso realmente viveu e ensinou na Terra; e que a história do Deus — Sol é; verdadeira, e que um muito mais excelso, até; mesmo o Cristo eterno, sempre desce e vive nos homens, a fim de que todo o mundo dos homens possa ser remido e espiritualizado; e que a história dos Mistérios é; verdadeira, na qual cada Espírito humano refaz o caminho e revive a história, e por sua vez se torna um Cristo, primeiro crucificado, e depois triunfante. De modo que em vez de disputarmos com quem quer que seja, estendamos as mãos para todos em boas — vindas, pois todos nos trazem um fragmento da verdade, e todas as verdades se reúnem na imagem perfeita do Cristo que é; o Objeto da adoração.

Não tenho muito tempo para falar sobre o Cristo do dogma. Mas lhes lembraria que nas controvérsias que fenderam a Igreja primitiva duas foram especiais: uma que disputava — como se alguém pudesse saber algo a respeito — se Cristo era da mesma substância de Deus ou se de substância semelhante, se na eterna relação daquele LOGOS trino uma pobre palavra humana fosse mais precisa que outra nos esforços de descrevê — l'O. Com isto a Igreja se dividiu, com a satisfação de sentir que as partes cortadas jamais poderiam se juntar novamente, porque a questão jamais poderia ser decidida. Ninguém senão o próprio Deus pode saber dos mistérios de Sua própria natureza. E quem somos nós para acusar nossos irmãos, se eles vêem estes mistérios de um ângulo um pouco diferente do nosso? E assim surgiu a grande controvérsia que eliminou os Gnósticos da Igreja, e tornou — a nem Católica nem Gnóstica, pois o Católico não pode excluir, e o não — Gnóstico não pode saber. A parte remanescente da Igreja não tinha direito ao nome de Católica, tendo excluído a outra.

Os Gnósticos ensinavam, assim como fazemos hoje, que o corpo do discípulo era usado para a habitação do Espírito do Cristo. Não há nada de novo ou de misterioso nisso. Outro dia me disseram em uma carta que este era um dos segredos do ensinamento interno, mas que algumas pessoas de fora o conheciam. Eu respondi que seria muito estranho se assim não fosse, vendo que os Gnósticos ensinavam isso nos primeiros séculos da Igreja. Não se crie mistérios onde não há nenhum. Esta dualidade, Jesus e Cristo, é; uma idéia muito, muito antiga. Os Maniqueus a sustentavam, entre muitos outros. É muito comum e familiar a qualquer estudioso. E acontece de ser verdadeira. E assim temos de repetí-la hoje em dia novamente. E porque foi há muito esquecida, espanta as pessoas. Palestrando uma vez para uma audiência de clérigos, descobri que quase todos a conheciam. Disseram que era uma heresia — o que admiti — mas uma heresia é; somente a crença da minoria. Mas em todo caso é; somente uma questão intelectual e de importância não vital, certamente indigna de ser disputada.

Mas o que é; importante? Primeiro, o Ideal — o ideal de uma humanidade perfeita iluminada pela Divindade, tão iluminada que não se pode dizer o que é; Deus e o que é; homem, a semente de Divindade tendo florescido à perfeição, a centelha da Divindade tendo incandescido num fogo deslumbrante. Isto importa. Isto é; o Ideal: o homem perfeito se torna uma manifestação do Deus perfeito. Como disse Cristo: “Sêde perfeitos como vosso Pai no céu; u é; perfeito”. E perceber que isso foi feito, saber que isso foi alcançado, que surgiu tamanho esplendor de humanidade que não podemos distinguí-la da Divindade, este é; o Ideal do Cristo. E isto é; absolutamente importante. Vocês chamam este Ideal de Cristo. No Oriente dão — Lhe outros nomes. Mas os nomes não interessam.

É o pensamento que conta. Chamem—n’O Cristo, ou Buda, ou como quiserem, mas não disputem por causa do nome, senão a poeira levantada pela querela obscurecerá a luz meridiana do Ideal.

Aqui falo d’Ele como Cristo, porque o nome representa para vocês aquele Exemplo perfeito que viveu na Judé;ia e é; o centro da Igreja Cristã. Mas falando ao Hindu, uso o nome Hindu, ao Budista, o nome Budista; pois não cegarei os olhos com um nome, como se estivesse fechada com um nome a porta do coração que deveria abrir para a chegada do Senhor. Os nomes não importam; Ele responde a todos. E existe só Um que leva todos estes nomes, o Supremo Instrutor do mundo. Ele é; Um, E é; para Ele que olhamos, não importa por quais nome O chamemos. Nossa preces O alcançam, não interessa como endereçamos o envelope exterior da prece. Este é; o Ideal que rogaria a vocês que guardassem.

Mas o perderão, se debaterem a respeito. Não poderão vê — lo, se disputarem. É sagrado demais para ser disputado; é; a visão da intuição, não o resultado da elucubração. E o arrazoado deve silenciar quando a intuição fala, pois a intuição vê onde a razão só argumenta. E este é; o Ideal sobre o qual deveriam pensar diariamente, porque o pensamento é; criativo e transforma o pensador na semelhança daquilo em que pensa; depois disso, então dirijam suas vontades e seus corações para a reprodução em vocês mesmos de alguma parcela daquela vida. Tomem — na como inspiração, como uma coisa sobre que pensar, antes que falar sobre ela. Pois muito da força do Espírito se esvai com as palavras faladas, e os que falam demais muito freqüentemente têm pouca força restante para viver e agir. As emoções se gastam na expressão excessiva, e vocês devem aprender a limitá — las, de modo que possam ser uma força poderosa a ser usada no serviço do Altíssimo quando Ele precisar delas para Sua obra. E se para vocês Cristo for o grande Ideal, a inspiração constante, então sentirão a verdade daquela frase que uso muitas vezes: “O LOGOS da alma é; um”. Lá não existe divisão. Lá não se levanta nenhuma dúvida. Lá tudo o que é; forte e belo e esplêndido se une em uma imagem perfeita — a imagem do Cristo, o Senhor.

E como é; belo pensar que quando o Hindu pensa ao longo destas linhas, vê Aquele que ele chama Jagat Guru, o Instrutor do Mundo, e O vê como vocês O vêem, e O sente como vocês O sentem, e foi ensinado a dizer que “qualquer que seja a forma que o homem adora, Eu dou a fé; que adora aquela forma”. E “se algué;m oferece uma flor, uma gota de água, com fé;, este Me adora”. Assim o Hindu é; ensinado a ver os muitos aspectos do Divino. E quando o Budista pensa, ele pensa a mesma coisa, ama a mesma coisa, ainda que lhe dê um nome diferente. E assim o amor do mundo sobe em uma voz suprema, começando como miríade e se unindo em um grande acorde, até; o Supremo Instrutor, o Receptáculo de todo o amor e o Doador de todo o auxílio.

E o pensamento sobre o que chamo de Santo dos Santos, onde nenhuma voz de contrové;rsia deveria ser ouvida. Este é; o porquê de lhes pedir que dêem ao intelecto as coisas do intelecto, mas ofereçam as coisas do Espírito no coração do Espírito. Estudemos todas as concepções sobre o Cristo. Algo será aprendido de todas elas, pois Ele é; grandioso demais para ser expresso apenas por uma única boca humana, para apenas uma pena escrever sobre a plenitude de Sua múltipla perfeição. Estudem—nas todas, e aprendam alguma coisa de cada uma delas. Mas quando se voltarem para o próprio Cristo, deixem morrer as contrové;rsias, e elevem — se à altura do Ideal. Temos um costume oriental, quando vamos à casa de algué;m, e muito mais quando ao Templo de Deus, de deixarmos do lado de fora da porta os sapatos cobertos com o pó da estrada em que andamos, e entramos com os pé;s puros, sem sujeira ou pó, e cumprimos o amigo, ou adoramos a Deus. Façamos assim com o Cristo Ideal. Tirem os sapatos da contrové;rsia quando se acercarem d’Ele, pois o solo em que pisarão é; sagrado. Deixem o pó da Terra permanecer nos sapatos descalçados, e entrem com os pé;s puros e o

coração ardente de amor na presença do Santíssimo, que é; a Paz e o Amor Eternos. Assim seja para vocês o nome de Cristo o nome mais santo sobre a Terra, assim abraçariam todas as mais sagradas memórias que desde a mais tenra infância se agruparam ao redor do mais santo dos nomes; e encontrariam seu irmão Hindu, seu irmão Budista, seu irmão Hebreu, seu irmão Parsi, e descobririam que todos veneram o mesmo Instrutor, e podem falar de coração a coração, de Espírito a Espírito, sabendo que o Senhor é; Um só.

E assim eu os deixaria com minha mensagem para o ano vindouro, para ser repetida sempre que a controvérsia surgir, ou quando qualquer um atacar seu pensamento ou impuser o seu próprio. Tomem como uma senha para o ano a frase que eu tantas vezes citei, tomada da boca do Supremo Instrutor: “Em qualquer caminho em que um homem se aproximar de Mim, naquele caminho lhe darei as boas—vindas, pois todos os caminhos são Meus”.